

REFLEXÕES SOBRE CRIME E JUSTIÇA: UMA LEITURA DE *O DIA DA CORUJA* E *A CADA UM O SEU* DE LEONARDO SCIASCIA

Gisele Maria Nascimento Palmieri
giselepalmieri@yahoo.com.br

1. Introdução

Este trabalho propõe um estudo comparativo entre os romances *O Dia da Coruja* (1961) e *A Cada Um o Seu* (1966) do escritor italiano Leonardo Sciascia (1921-1989). Nas obras apontadas para estudo, pretende-se analisar como o contexto histórico da constituição do estado italiano interferiu na sua narrativa, investigando de que maneira a utilização do gênero policial em ambas as obras se articula com as consequências da formação da nação da Itália.

Quando da publicação, em 1961, de *Il Giorno della Civetta* (*O Dia da Coruja*), Leonardo Sciascia, que, desde 1952 já publicara títulos significativos, ganhou ainda maior notoriedade. Nesta obra, de cunho criminal, já prefigurava o estratagema de fechar seus romances sem aparente conclusão. Com isso, dominou uma técnica em que amalgamava tanto a narrativa ficcional quanto o ensaio político-filosófico. Essa técnica transitaria, portanto, entre o romance-ensaio e o policial propriamente dito, mas sempre com epílogos que sinalizam ao leitor a incerteza, a impossibilidade de se conhecer plenamente a verdade e a justiça, frente ao poder de qualquer ordem.

Nos títulos propostos, encontram-se indagações, não apenas de natureza criminal, mas, essencialmente, reflexões sobre a força do poder político e econômico que, tantas vezes, não permitem o desvelar da verdade sobre um crime. Seus livros são agudas advertências quanto à justiça, à ética, à democracia e, especialmente, à condição humana face ao poder.

2. *A Sicília e a máfia: contextualização histórica*

A unificação dos pequenos estados que deram origem à nação italiana a partir de 1861 reuniu num único país regiões com caracte-

rísticas próprias e culturas diferentes. Ao norte, uma população bem estruturada economicamente, uma região industrializada e rica; ao sul, uma população que vive com altos índices de desemprego, o que aumenta a pobreza na região cuja economia movimenta-se pela defasada agricultura.

O povo do sul da Itália, que inicialmente acreditava no discurso da unificação de territórios autônomos, rebelou-se posteriormente contra o processo que acabou por ocasionar um rebaixamento de sua peculiar cultura a uma subcultura sem muita importância para toda a nação. Um exemplo desse processo foi o fato de que a língua siciliana acabaria tornando-se um dialeto local, posto que a língua oficial, após a unificação, passou a ser o italiano de Florença. O povo não confiou no Estado, pois este não resolveu os problemas inerentes à região sul, não incluiu seus estados no programa de desenvolvimento econômico e social. Esses pequenos estados ficaram renegados ao esquecimento. Dentre eles estava a Sicília, uma ilha localizada na região meridional da Itália.

A unificação resultou na criação de um grupo que teve como objetivo defender os interesses da Sicília frente ao Estado-nação italiano. Esse grupo, denominado de máfia, fazia as vezes de autoridade local, verdadeiros justiceiros da população siciliana cuja boa relação com a máfia era justificada pela sua carência de proteção e valorização de identidade. Eles configuraram os códigos de conduta e as leis de convivência e sobrevivência no cotidiano da região. Resistir a essas leis ou tentar quebrar alguma de suas regras podia ter um alto preço.

O filósofo italiano, Antonio Gramsci, em sua obra *A Questão Meridional* (1987) discorre sobre o contraste social e econômico entre a parte meridional e a parte setentrional da Itália. Gramsci acusa um conflito de interesses capitalistas entre as reais necessidades de cada território como o propulsor para uma fuga de dividendos do Sul para o Norte. De acordo com os interesses capitalistas, era melhor investir seus esforços na região que já possuía um nível considerável de desenvolvimento industrial, o que garantiria maior possibilidades de lucro. Assim, o Sul, com economia de base agrícola, não recebeu as atenções merecidas, permanecendo, então, com os problemas que já possuía.

A burguesia uniu-se à aristocracia e dominou, colonizou a classe camponesa do Sul. A exploração capitalista imposta à parte meridional do país revela as origens desse grande problema decorrente da unificação italiana, que teve como sua pior consequência, segundo dados históricos, o nascimento da máfia.

Em 1861 é fundada a nação da Itália. O tempo foi passando e quase nenhum esforço foi reconhecido pelos meridionais, com vistas à resolução das questões agrícolas. O esquecimento a que foram submetidos criou nesse povo o sentimento de desconfiança contra o Estado. O ressentimento é uma resposta ao rebaixamento da Sicília a um território de menor importância para os planos do governo. Essa humilhação ainda abriu brechas a outras formas de dominação.

As características de comportamento do povo siciliano se confundem com os mandamentos de conduta da máfia. O respeito à família, o pacto de silêncio, a política de apadrinhamento e a *omertà*¹ são mitos sagrados para o povo siciliano. O escritor Leonardo Sciascia soube como nenhum outro representar de maneira crítica essa realidade. Em suas obras, *O Dia da Coruja* e *A Cada Um o Seu*, ele aborda essas questões de fundo histórico e sociológico de maneira bem contundente através de uma estrutura narrativa de romance policial. Seus primeiros *gialli*² contam histórias de assassinatos, provavelmente de homens que resolveram quebrar o pacto de silêncio ou se recusaram a receber a “proteção” oferecida pelos mafiosos. Porém, tudo é especulação na investigação policial sobre as seguidas mortes. Nada é jamais comprovado, no entanto, o narrador deixa claro ao leitor que se trata de uma grande rede de proteção mútua em que ganha quem ficar calado e seguir os mandamentos daqueles que comandam a ordem e a política da ilha.

Como a identidade siciliana confunde-se com a identidade mafiosa, é normal o autor Leonardo Sciascia fazer uma crítica que fira, ao mesmo tempo, tanto o povo quanto à máfia. Sua aversão é pela impunidade e pela convivência de toda uma sociedade com o crime organizado. O pacto de silêncio praticado pela sociedade siciliana,

¹ – Código de honra siciliano que proíbe informar crimes que sejam considerados negócios pessoais das pessoas envolvidas. Voto de silêncio.

² – Romance policial em italiano.

que é bem explicitado nas duas narrativas, mostra como se dá esse comprometimento do cidadão siciliano com a ocultação da verdade.

Em seus romances de cunho investigativo *O Dia da Coruja* conta-se a história de uma série de assassinatos ligados à máfia local, mas que, por uma razão de tradição, também local, toda a população sabe quem são os culpados pelo crime, porém de forma alguma cooperam com a polícia dando informações sobre o caso. Em *A Cada Um o Seu*, diferentemente do primeiro romance em que o investigador é um capitão da polícia – como em todas as obras que seguem o cânone da narrativa policial –, o detetive é um professor solteiro, Laurana. Este passa a investigar o caso de assassinato de dois amigos, um farmacêutico e um médico, pagando com a própria vida pela curiosidade em conhecer o mandante do crime e a falta de descrição ao revelar suas suspeitas, quebrando o pacto de silêncio que na verdade é um pacto com a impunidade.

Em *O Dia da Coruja*, após a ocorrência do primeiro assassinato, quando o sargento da polícia indaga ao cobrador da linha de ônibus em que ocorreu o crime sobre o que ele presenciou, este persiste em dizer que nada viu, nada sabe:

(...) Você é cobrador desta linha há três anos, há três anos eu vejo você sentado, toda noite, no café Itália: conhece o pessoal melhor do que eu...

– Ninguém pode conhecer o pessoal melhor do que o senhor – retrucou o cobrador sorrindo, quase tentando eximir-se de um elogio.

– Está bem, está bem – disse o sargento irônico – primeiro eu e depois você: como quiser... Mas eu não estava no ônibus, pois se estivesse lembrar-me-ia dos passageiros um por um: cabe a você, portanto: quero dez nomes, pelo menos.

– Não consigo lembrar – disse o cobrador –, juro pela alma de minha mãe, não consigo lembrar: neste momento não me lembro de nada, parece que estou sonhando. (SCIASCIA, 1995, p. 9-10)

E, ao vendedor de pães doces que passava pelo local no momento do assassinato, quem efetuou os disparos, este responde, ou melhor, pergunta: “– Por quê? (...) Houve tiros?” (SCIASCIA, 1995, p. 11)

A marca mais forte da ilha dentro do contexto histórico, social e político no qual Leonardo Sciascia se insere é a máfia. E faz-se

mister, como intelectual, falar sobre o assunto, principalmente quando ninguém mais o quer fazer. Sendo assim, Sciascia faz sua crítica ao Estado, à máfia e a tudo a que a ela está ligada, mesmo que tal facto acabe por “machucar” a própria identificação que o povo da Sicília tem com a organização.

Quem falava em máfia na Itália, por volta de 1961, data da publicação do primeiro romance policial de Sciascia (*O Dia da Coruja*) era visto como alguém preconceituoso ou de imaginação fértil. Como a parte do país onde se localiza a Sicília sempre foi uma região economicamente mais atrasada que o restante do país, esse assunto passou a ser visto como uma conspiração criada para humilhar ainda mais aquele povo sofrido, ignorante e pobre.

3. *Poder paralelo*

Em *O dia da coruja*, o poder que a máfia possui comandando todo o território insular é algo totalmente camuflado. Toda a movimentação da organização acontece numa sutileza na qual contribuem a população da ilha, graças ao pacto de *omertà*. O código de honra siciliano é uma ferramenta importantíssima para a garantia do andamento perfeito dos negócios criminosos.

Mas não é só o povo que acoberta os crimes. O governo também silencia. Mancomunados, os políticos se envolvem com o jogo da máfia, demonstrando que a impunidade pode vir também daqueles de quem se esperava que a combatessem.

Sciascia pretende mostrar que a corrupção se alastra em diferentes esferas do poder e que, juntamente com o poder político, existe um poder camuflado. Ambos se unem em função de interesses escusos.

Ótima estratégia utilizada pelo autor para mostrar essa estrutura criminosa do “poder paralelo” é a introdução de diálogos igualmente paralelos na estrutura da narrativa. Entremeada à tradicional construção linear da narrativa, acontecem dois momentos discursivos diferentes. Um é o da investigação dos assassinatos. O outro são diálogos entre pessoas cujos nomes não são mencionados. O narrador apenas apresenta as características físicas daqueles que participam da

conversa. Conversas estas que sempre giram em torno das pessoas envolvidas nas investigações. Uma delas é o capitão Bellodi. Esses anônimos que se comunicam, em diversos momentos do romance, acompanham e tentam interferir nas investigações. O capitão os incomoda, pois seu senso de justiça o impele aprofundar cada vez mais as investigações. Sendo assim, chama a atenção dos poderosos que acobertam os mafiosos para a sua pessoa. Um deles pede informações sobre o capitão e o que o outro responde:

Bellodi, eu acho: comanda a companhia de C., está lá há menos de três meses e já fez estragos... Agora está botando o nariz nos negócios das empreiteiras, o próprio comendador Zarcone está inteiramente nas mãos do senhor, disse-me “temos esperança de que o ilustre parlamentar faça com que ele volte a comer polenta”. (SCIASCIA, 1995, p. 22)

Através desse fragmento do romance é possível perceber que uma das partes envolvidas na conversa é alguém do governo, um “parlamentar”. O outro, provavelmente alguém da máfia, esclarece-lhe tudo o que se passa na Sicília e o põe a par de todo o andamento das investigações dos assassinatos. Essa pessoa informa ao político o interesse de um tal comendador em fazer o capitão Bellodi “voltar a comer polenta”, ou seja, retornar de onde veio, fazendo referência a um prato típico de sua cidade natal. Com tais diálogos, que acontecem durante todo o romance, intercalados com o outro plano da narrativa, fica claro o envolvimento de muitas pessoas poderosas nos acontecimentos criminosos da ilha e sua intenção em atrapalhar o trabalho da polícia.

O autoritarismo é, evidentemente, algo muito presente nesta narrativa de Sciascia. Principalmente porque são nas instâncias múltiplas da historicidade da região que encontramos toda a motivação para o seu abandono.

A burguesia, a aristocracia, o capitalismo no contexto histórico da unificação (*Risorgimento*), a máfia no contexto histórico da pós-unificação e pós-fascismo, impuseram muitos problemas aos sicilianos.

O medo, a humilhação e o silêncio estão presentes na narrativa de maneira que, assim, a liberdade chega a ser um sonho distante para alguns de seus habitantes amordaçados pelas leis da impunidade e do silêncio. O personagem do informante, Parriniedu, que serve

tanto à polícia quanto à máfia sente-se esmagado pelas forças que o comprimem cada um de seu lado:

O informante jamais acreditara, nem poderia, que a lei fosse imutavelmente escrita e igual para todos: entre os ricos e os pobres, entre os sábios e os ignorantes, ficavam os homens da lei; e só podiam esticar o braço do arbítrio de um lado, pois o outro lado eles tinham a obrigação de defender e proteger. Um arame farpado, um muro. E o homem que tinha roubado e pago a sua dívida, que pertencia à máfia e negociava empréstimos extorsivos e que de quebra ainda era um delator, só procurava uma fenda no muro, uma brecha no arame farpado. Muito em breve iria estar de posse de um pequeno capital e abriria um comércio; e o filho mais velho estava no seminário, para tornar-se padre um melhor ainda, para sair antes de tomar as ordens e ser advogado. Uma vez superado o muro, nada mais teria a temer da lei: e iria ser divertido olhar para aqueles que ficaram do outro lado do muro, do arame farpado. Deste jeito, dilacerado pelo medo, entre devaneios de uma paz futura, baseada na miséria e na injustiça, ele encontrava um pouco de consolo: e enquanto isto o chumbo da sua morte já derreteria. (SCIASCIA, 1995, p. 25)

De um lado, o poder da justiça, da verdadeira lei; de outro, as ações audaciosas da máfia, com sua impunidade, seu risco e suas imposições autoritárias.

3.1. Continental versus meridionais e honesto versus inescrupulosos

Uma das estratégias narrativas utilizadas pelo autor para mostrar a diferença entre o norte e o sul da Itália é a criação do personagem Capitano Bellodi, de *O dia da coruja*. O oficial da polícia, chefe dos *carabinieri*³ é um homem do Norte italiano que acredita piamente na justiça e nos valores da lei. Com sua mentalidade honesta, fruto da realidade do Norte do país, seu senso democrático contrasta com o senso corruptível da mentalidade daqueles que habitam no Sul do país. Quando ele chega à Estação dos Carabineiros para iniciar as investigações do assassinato do personagem Colasberna, impressiona os demais personagens presentes no local pela sua característica contrastante: “O capitão era jovem, alto, de pele clara; pelas primeiras palavras que disse, os sócios da *Santa Fara*, ao mesmo tempo com alívio e com desprezo, logo pensaram ‘continental’; os continentais são gentis mas não entendem patavina.” (SCIASCIA, 1995, p. 13)

³ - Uma das quatro Forças Armadas da Itália.

Após o interrogatório, de onde saem sem falarem nada do que sabem, e com grande alívio por não terem sido empurrados na parede a fim de que soltassem alguma confissão, concluem com felicidade: “Puxa vida, como ele sabe tratar com as pessoas”, pensaram os sócios.” (SCIASCIA, 1995, p. 18) Homem de grande educação e extrema inteligência, Bellodi age com uma atuação quase cavalheiresca, o que não é típico para um capitão da polícia local. Inabitados a serem tratados com respeito e gentileza, o capitão desperta a admiração até do chefe dos mafiosos, Dom Mariano Arena.

Apesar de toda essa admiração, ele incomoda a todos porque seu senso de justiça o leva a usar a inteligência no lugar da violência. Com bastante perspicácia, ele sempre arruma um meio de extrair aquilo que deseja saber. Após o interrogatório com os sócios e irmãos da cooperativa onde trabalhava a primeira vítima, Salvatore Colasberna, ele usa uma estratégia para descobrir quem havia mandado uma carta anônima contando tudo aquilo que realmente tinha acontecido, posto que na Sicília “ninguém fala nada, mas escreve tudo” (SCIASCIA, 1995, p. 18). Apesar de não falarem absolutamente nada daquilo que o capitão esperava ouvir, ele pede para que cada um dos interrogados preencha um formulário, a fim de descobrir a letra do remetente anônimo. Não percebendo a estratégia, o sargento afirma: “- É como tentar tirar sangue de uma pedra, não sai nada – disse, referindo-se aos irmãos Colasberna e sócios, e à vila toda, e a Sicília inteira.” Mas Bellodi, argumenta: “- Alguma coisa acaba sabendo sempre – disse o capitão.” (SCIASCIA, 1995, p. 18)

O contraste entre o personagem de uma região diferente do espaço em que acontece a narrativa ressalta para os leitores as características da Sicília, o que não aconteceria se o capitão vivesse lá, posto que, nesse caso, para ele nada seria surpresa e a narrativa, com toda a sua crítica, não seria possível de ser realizada. Sendo assim, tudo o que na ilha é diferente para o capitão, com relação a sua terra natal, ou lhe causa estranhamento ou lhe causa indignação. O dialeto, alguns hábitos e atitudes aparecem aos olhos de Bellodi apenas como um traço cultural. Já a impunidade e a convivência da sociedade com o crime organizado o surpreendem, deixando-o perplexo frente ao que para ele seria algo não só anormal, mas inconcebível. O inconcebível para o capitão também parece ser para o autor, pois é aí que ele mostra seu ressentimento e toca na antiga ferida da mais famosa

marca da identidade siciliana: a máfia a impunidade que paira na região.

A peculiaridade da narrativa de *O dia da coruja* fica por conta da não resolução do crime. Ou melhor, da não punição dos culpados pelos crimes. A investigação feita por Bellodi é completamente bem-sucedida, levando à delegacia os verdadeiros culpados cujos depoimentos, estrategicamente elaborados, revelam sua parcela de participação.

No entanto, uma resistência por parte de políticos anônimos, numa ordem expedida diretamente de Roma, centro do poder, põe por terra todas as informações coletadas pelo capitão Bellodi. Chamado para dar testemunho num processo em Bolonha e, posteriormente, com a concessão de uma licença médica que o faz voltar à Parma, no Norte da Itália, acaba por ficar um tempo afastado das investigações. Tempo suficiente para que fique sabendo, através dos jornais enviados pelo segundo-sargento, que todos os acusados foram absolvidos no processo movido contra eles. Fica constatado, no caso de Paolo Nicolosi, um dos assassinados cujo corpo nunca foi encontrado, morte por crime passionnal. A esposa do jardineiro e seu suposto amante são responsabilizados pelo assassinato, num caso tipicamente recorrente na região. Todo crime acaba sendo passionnal, justificativa bastante utilizada pela polícia para arquivar os processos criminais na Sicília representada por Sciascia.

Outra estratégia narrativa, mas desta vez para realçar, não o caráter determinado pela geografia, mas para destacar uma alma incorruptível é a criação do personagem Laurana, de *A cada um o seu*. Este, mesmo sendo siciliano, não compactua com os valores desonestos e maliciosos daquela sociedade. Talvez por ingenuidade, o professor de língua italiana e história não tenha percebido o perigo que estava correndo ao querer passar por investigador. Desconhecendo que o advogado Rosello se envolvia em negócios escusos e possuía uma clara ligação com os assassinatos do farmacêutico e do doutor, o professor pesquisa o caso e, ao mesmo tempo vai anunciando a todos, no clube que frequenta, as suas descobertas. Nesta trama, a polícia não se envolve com as investigações, acomodando-se com a resolução mais fácil, ou seja, também a de crime passionnal. No final da narrativa sabe-se que todos os outros personagens conhe-

cem o culpado pelas mortes, mas ninguém se envolve ou o denuncia à polícia. Todos se calam e compactuam com os crimes.

A impunidade impera, os verdadeiros culpados continuam livres para praticarem outros crimes e a injustiça vence na sua luta contra a lei da democracia levada a cabo pelo capitão Bellodi e pelo professor Laurana.

Apesar de o narrador deixar claro para os leitores quem são os culpados pelos crimes, não acontece, ao fim da trama, a punição imposta ao assassino, um recurso típico da estrutura narrativa policial. O autor subverte a estrutura tradicional do gênero policial para usá-lo como uma estratégia narrativa de denúncia de abuso de poder na busca da preservação de uma identidade. O autor quis mostrar que, no final, a impunidade impera. Sendo assim, não há a descoberta do culpado nem sua consequente prisão deste como forma de puni-lo. Pode-se ler seus *gialli* como uma crítica irônica desse processo de corrupção, através das inúmeras situações em que são perceptíveis a falsidade, o atrevimento e a hipocrisia daqueles que ocupam o poder, tanto o poder paralelo, quanto o poder oficial. Uma dessas situações encontra-se nas prisões dos suspeitos pelos assassinatos, em *O dia da coruja* que em sua maioria são considerados homens de bem, pessoas importantes da sociedade siciliana, chefes de família e devotos da Igreja. Esses homens, que se disfarçam atrás da imagem de pilares da sociedade, são desmascarados na narrativa de Sciascia. O narrador de *O dia da coruja* e *A cada um o seu* ironiza-os, como no fragmento abaixo, retirado do primeiro romance, quando prendem Dom Mariano Arena, o *capo dei capi* [*chefe dos chefes*]:

Quando de noite se bate à porta de uma casa honrada, isto mesmo: honrada, e se tira da cama um pobre cristão, além do mais velho e adoentado, levando-o para o cárcere como um malfeitor e jogando na consternação e na angústia uma família inteira: não, isto não é coisa, nem digo humana, mas, deixe que o diga, justa. (SCIASCIA, 1995, p. 53)

O povo, apesar de refreado pela lei do silêncio, é caracterizado por Sciascia, nessa narrativa, como apreciador da justiça. Mesmo com certo receio, eles sempre deixam escapar seu real pensamento. Ao serem efetuadas as prisões dos responsáveis pelos crimes, – a de Diego Marchica, por exemplo – é exposta essa relação da população local com os mafiosos:

Diego (...) primeiro indignado e em seguida submisso, foi levado para a caserna entre os comentários das pessoas. Comentários que chegam aos ouvidos de Diego e dos carabineiros com expressões de surpresa e de compaixão (e o que é que ele fez? Só ficava cuidando dos seus negócios... Nunca se meteu na vida de ninguém...), mas bem no fundo, apenas sussurrados, expressavam os quase unânimes votos de que Diego fosse passar nas pátrias prisões o resto da vida dele. (SCIASCIA, 1995, p. 47)

É no sussurro e na sutileza da expressão da opinião dos habitantes da ilha que Sciascia pretende mostrar que aquilo que não presta na Sicília não é o povo. O medo, talvez, os impeça de expressarem suas opiniões. O histórico silêncio da população não pode ser quebrado e é mostrado como um peso e um castigo imposto. Uma relação de poder faz com que fiquem todos cegos, surdos e mudos àquilo que diz respeito às ações da máfia.

E são nessas escapadas de opiniões e em depoimentos anônimos que o autor mostra a sua tentativa em preservar a identidade positiva do povo siciliano. Em verdade, o que os faz calar não é o consentimento com a impunidade, mas sim uma imposição poderosa a um povo que é humilhado. Afinal, esse povo é corajoso, só não pode expressar-se com muito ruído, como bem observou Bellodi:

– Curioso – disse o capitão, quase a continuar uma conversa interrompida – como por estas bandas as pessoas desabafam com cartas anônimas: ninguém fala, mas para sorte nossa, quer dizer, de nós carabineiros, todos escrevem. Esquecem a assinatura, mas escrevem. A cada homicídio que acontece, a cada roubo, lá vem uma dúzia de cartas anônimas em cima da minha mesa (...) (SCIASCIA, 1995, p. 14)

O seu romance-ensaio em forma de romance policial, como ele mesmo definiu *O dia da coruja*, tem o objetivo de fazer uma apresentação da sua versão sobre a verdadeira história da ilha.

4. Considerações finais

Quando se investiga o passado histórico da Itália, em que a unificação do país, no século XIX, resultou na perda da autonomia siciliana, verifica-se haver uma predisposição por parte de seus habitantes a se ressentirem contra o Estado-nação italiano, posto que a ilha foi autoritariamente incorporada ao território do país. Tal resistência formou grupos que utilizaram a força e a violência para a do-

minação e, alegando preservarem a identidade siciliana, anulavam as decisões da justiça em uma região onde a impunidade se aliava ao abuso de poder. Muitos crimes ficavam impunes, apesar de o criminoso ser conhecido. Sendo assim, Sciascia, para criticar esse grupo, escolheu o romance de apelo policial com o objetivo de discutir a veracidade do discurso contraditório em que se camuflam a impunidade, a injustiça e o uso descontrolado da força. Por tal motivo, os epílogos de seus romances não contêm a tradicional punição do criminoso, mesmo ao ser descoberta a verdade. Suas histórias encerram um sentido irônico, pessimista, denunciam a falta de ação da justiça e a passividade política diante das atitudes de força.

Uma das versões históricas da origem da máfia insere-a no contexto da formação do Estado italiano, mais precisamente no sul do país.

A representação da máfia na literatura acabou por se tornar um estereótipo da caracterização dos sicilianos, uma vez que ela é padrão de referência identitária até hoje. Embasada na narrativa histórica, a literatura traz essa caracterização, com nuances próprias da ficção.

Se o historiador quis modelar a Sicília como um território administrado e dominado pela máfia, coube ao escritor lançar-se numa empreitada discursiva com a finalidade de denunciar os porquês da situação ser tal como ela é.

Coube a Sciascia comprometer-se em trazer essa questão identitária para o cerne de uma discussão político-sociológica utilizando-se da história “oficial” com o objetivo de, através dela, denunciar o motivo desse mal ter-se espalhado e apontar os responsáveis pela evocação tão humilhante da imagem da ilha.

Com uma grande dose de ironia, ele debocha da má fama que a Sicília ganhou graças a essas representações discursivas, através da tipificação de personagens. *O Dia da Coruja* e *A Cada Um o Seu* possuem uma linguagem de satirização de situações estereotipadas do território meridional da Itália e tais narrativas se configuram, muito além de uma defesa identitária, como verdadeiras denúncias da impunidade e da falsidade que se entremeeiam às boas condutas e características da sociedade siciliana.

Seus romances de inspiração policial transgridem a estrutura tradicional do gênero, para denunciar o abuso de poder e a falência da autoridade do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Eurídice. Identidade nacional e identidade cultural. In: _____. (Org.). *Conceito de cultura e literatura*. Niterói: EDUFF, 2005.

GRAMSCI, A. *A questão meridional*. Trad. C. N Coutinho e M. A. Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Minimizar identidades. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

HALL, Stuart. Culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

_____. A questão multicultural. In: SOVIK, Liv. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

JOBIM, José Luís. Identidades nacionais e outras identidades. In: ____; PELOSO, Silvano. (Orgs.). *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; _____. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo: Unicamp, 1998.

SCIASCIA, Leonardo. Breve storia del romanzo poliziesco. In: _____. *Cruciverba*. Milano: Classici Bompiani, 2001.

_____. Le acque della Sicilia. In: _____. *Leonardo Sciascia. Opere*. Milano: Classici Bompiani, 2001.

_____. Letteratura e mafia. In: *Leonardo Sciascia. Opere*. Milano: Classici Bompiani, 2001.

_____. *O dia da coruja*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *A cada um o seu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.